

PAINEL V Artes do Românico II

Da Existência, ou Não, de Pintura Mural a Fresco de Expressão Românica em Portugal

JOAQUIM INÁCIO CAETANO
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Introdução

Desde as primeiras referências à pintura a fresco em Portugal, a pintura correspondente ao período românico foi sempre referida a partir de conjecturas, sem investigação no terreno. Partia-se do princípio que, se existia noutras regiões da Península Ibérica, deveria existir também em Portugal, como afirma José de Figueiredo em 1920¹, ou Abel de Moura, que passados 40 anos continua convicto que a pintura daquele período teria existido em Portugal².

No entanto, quando a partir dos anos 20 do século passado se foi conhecendo um número significativo de espécimes, como consequência do primeiro estudo sobre o assunto publicado por Vergílio Correia³, foi-se tomando consciência que as pinturas mais antigas eram datáveis do primeiro quartel do século XVI ou, quando muito, de finais do XV. É o próprio Vergílio Correia que mais tarde afirma que em Portugal não houve pintura a fresco de expressão românica⁴. Esta opinião é partilhada por outros estudiosos que abordaram este tema⁵ e é Carlos Alberto Ferreira de Almeida quem, pela primeira vez, afirma claramente que em Portugal não existiu este género de pintura no período românico⁶.

Os estudos académicos mais recentes, nomeadamente os de Luís Afonso, Paula Bessa e nossos⁷, vêm confirmar este facto. Contudo, isto não significa que, como afirma Carlos Alberto Ferreira de Almeida, as igrejas fossem despidas de decoração. A cor aplicada diretamente nos paramentos e elementos escultóricos, os panos decorativos e o tratamento dos aparelhos construtivos com a aplicação de massas de refechamento das juntas, claras e deixadas num plano mais saliente que o da pedra para realçar a estereotomia do aparelho, correspondiam ao gosto da época até à difusão da pintura a fresco a partir do início do século XVI, pintura que incorpora estas soluções decorativas, imitando-as, como acontece com os panos decorativos, em que existe um número significativo de pinturas com intenção ilusionista, revestindo completamente as paredes laterais da capela-mor.

1 FIGUEIREDO, José de - *Arte portuguesa primitiva: o pintor Nuno Gonçalves*, Lisboa, 1910, p. 124.

2 MOURA, Abel de - "Conservação de frescos". *Boletim da DGEMN*, N.º 106 (1961) 9.

3 CORREIA, Vergílio - *A pintura a fresco em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1921.

4 CORREIA, Vergílio - "Frescos". *Boletim da DGEMN*, N.º 10 (1937) 7.

5 GUSMÃO, Adriano de - "Os primitivos e a Renascença". In BARREIRA, João (dir.) - *Arte portuguesa*, 1951; SANTOS, Reynaldo dos - *O românico em Portugal*, 1955; CAMPOS, Correia de - *Imagens de Cristo em Portugal*, 1965.

6 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - "O Românico". In *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, vol. 3, p. 166.

7 AFONSO, Luís Urbano de Oliveira - *A pintura mural portuguesa entre o Gótico Internacional e o fim do Renascimento: formas, significados, funções*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010; BESSA, Paula Virgínia Azevedo - *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*, 2007. Dissertação de Doutoramento em História, Área de Conhecimento de História da Arte, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais; CAETANO, Joaquim Inácio - *Motivos decorativos de estampilha na pintura a fresco dos séculos XV e XVI no Norte de Portugal: relações entre pintura mural e de cavalete*. Dissertação de Doutoramento em História na especialidade Arte, Património e Restauro, no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

Elementos escultóricos pintados e cor nos paramentos

A utilização da cor aplicada na arquitetura, em paramentos e elementos escultóricos desde, pelo menos, o primeiro românico é um facto atualmente incontestado. São várias as razões para que quase nada dessa decoração tenha chegado até hoje, desde os agentes atmosféricos, mais atuantes no exterior, até às mudanças decorativas, intervenções arquitetónicas e todas as vicissitudes a que os templos estão sujeitos.

No entanto, em Portugal há algumas igrejas românicas com alguns vestígios de cor, quer no exterior, nos cachorros, quer no interior em colunelos, capitéis e paramentos murários que são testemunhos dessa situação.

No exterior do edifício encontrámos vestígios de cor vermelha em alguns cachorros da igreja de S. Tomé de Abambres, Mirandela, na capela de S. Brás do antigo cemitério de Vila Real onde um cachorro tem vestígios de cor ocre e na igreja de S. João Baptista de Sernancelhe onde a cor vermelha é utilizada para formar desenhos simples e não para cobrir todo o elemento escultórico.

Aquele que cremos ser o exemplo mais recuado, encontramos-lo num capitel visigótico de S. Frutuoso de Montélios, Braga, guardado no pequeno museu da igreja. Não se trata propriamente de uma pintura com elementos decorativos, mas de uma camada monocromática vermelha aplicada sobre aquele elemento.

Com uma cor semelhante à deste capitel, podem observar-se na Sé de Braga, de um lado e outro da entrada principal, um par de colunas com os respetivos capitéis, e na Igreja do Mosteiro de Pombeiro, Felgueiras, existe, num dos absidiolos, a mesma cor vermelha no friso de arranque da abóbada.

Os brocados e panos de armar e a sua representação na pintura

Começamos por recorrer à pintura como documento de representação de ambientes, uma vez que nada resta *in situ* destas decorações. Embora não tenhamos encontrado muitas pinturas portuguesas onde esta situação é representada, existem duas, a *Apresentação no Templo* do Mestre do Retábulo da Sé de Viseu, 1501-1506, Museu Grão Vasco, e *A Chegada das Relíquias de Santa Auta* do Retábulo de Santa Auta, 1520-1525, Museu Nacional de Arte Antiga, cujo significado nos parece revelador da importância da utilização dos tecidos na ornamentação, quer no interior quer no exterior de um edifício, em momentos solenes.

A pintura a fresco do século XVI no Norte de Portugal, com a sua capacidade de recrear ambientes, também utiliza este tipo de decoração com brocados, como pano de armar, forrando e decorando um espaço ou como segundo plano de figuras.

Relativamente à primeira situação, as representações são, por vezes, pouco realistas, utilizando-se um padrão bastante estilizado, como ocorre nas pinturas da oficina por nós designada por *Oficina II do Marão*⁸, nas quais este esquema decorativo é emoldurado por uma barra espiralada, sendo sistematicamente usado como complemento das composições figurativas e a ocupar um espaço de destaque.

Como a maioria das pinturas a fresco do século XVI chegaram até aos nossos dias escondidas atrás de retá-

8 CAETANO, Joaquim Inácio - *O Marão e as oficinas de pintura mural nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Ed. Aparição, 2001; CAETANO, Joaquim Inácio, 2006/07, "Novas achegas para a compreensão da actividade oficial nos séculos XV e XVI: as pinturas murais das igrejas de Santo André de Telões, Amarante, de Santiago de Bembrive, Vigo e de S. Pedro de Xuenzás, Boborás na Galiza". *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. I Série, Vol. V-VI (2006/07) 57-68.

bulos ou por baixo de camadas de cal, estas representações de brocados e panos de armar, que revestiam a totalidade das paredes da capela-mor, como ainda hoje se pode observar na Igreja de S. Tiago de Adeganha, Torre de Moncorvo, têm hoje um caráter fragmentário, perdendo-se o efeito de *trompe l'œil* inicial. Algumas destas imitações têm bastante qualidade, fingindo-se não só os panos mas também as argolas e pregos para suspender um tecido de barras verticais, como na Igreja de S. Tiago de Folhadela, Vila Real, onde alternam os fundos ocre e cinzento com padrões de brocado executados com estampilha.

Este tipo de pintura com intenção ilusionista era também utilizado para imitar frontais de altar.

A exaltação da estereotomia do aparelho construtivo

Este modo de tratar os aparelhos construtivos, referido anteriormente como uma das modas decorativas que antecederam a difusão da pintura a fresco no século XVI, tem três aspetos distintos: o refechamento das juntas do aparelho com massas claras contrastantes com o escuro da pedra e deixadas num plano superior ao da pedra; a representação desta situação nas pinturas coevas e a aplicação de revestimentos de imitação da estereotomia em aparelhos irregulares.

Relativamente à primeira situação, no exterior dos edifícios já só encontramos situações remanescentes, muito fragmentadas devido à ação dos agentes de erosão, em zonas mais protegidas de beirados, frestas e portais. Ocorre também no interior dos edifícios, correspondendo a soluções decorativas e não funcionais uma vez que não se trata de evitar a entrada de água na parede através das juntas da pedra. São também situações remanescentes e que na maioria dos casos chegaram até nós por estarem protegidas por rebocos pintados

a fresco. A única exceção que conhecemos encontra-se na Igreja de Santa Leocádia, concelho de Chaves, onde toda a nave apresenta este tipo de decoração.

Por sua vez, a sobreposição dos rebocos pintados, na sua maioria da primeira metade do século XVI, permite-nos estabelecer uma relação cronológica entre os dois tipos de decoração sendo, naturalmente, o tratamento das juntas anterior à pintura a fresco.

Com a difusão da pintura a fresco a partir de inícios do século XVI, esta moda terá caído em desuso. No entanto, a pintura desta época, quer de cavalete quer mural, incorpora nas suas representações de aparelhos construtivos este modo de tratar as juntas.

Quando falamos de tratamento de juntas referimo-nos a edifícios de determinada tipologia com aparelhos regulares de granito correspondentes ao período românico e tardo-românico no Norte de Portugal. Mas este gosto pela exaltação da estereotomia não se confina a este território e, nas zonas onde não se constrói com este material e as alvenarias são irregulares, o problema é resolvido pela aplicação de revestimentos que mimetizam uma estereotomia regular.

São, portanto, três aspetos diferentes do gosto pela exaltação da estereotomia do aparelho construtivo através do tratamento das juntas da pedra, ultrapassando o âmbito regional, sobrepondo-se a valência estética à funcional e impondo-se como gosto de uma época.

Bibliografia

AFONSO, Luís Urbano de Oliveira - *A pintura mural portuguesa entre o Gótico internacional e o fim do Renascimento: formas, significados, funções*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2010. 2 Vols.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - "O Românico". In *História da arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. Vol. 3, p. 166.

BESSA, Paula Virgínia Azevedo - *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*. Braga: Universidade do Minho, 2007. 3 Vols. Dissertação de doutoramento em História, área de conhecimento de História da Arte, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Disponível em URL: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8305/1/Pintura%20Mural%20no%20Fim%20da%20Idade%20M%C3%A9dia%20e%20In%C3%ADcio%20da%20Idade%20Moderna%20no%20Norte%20de%20Portugal.pdf>>.

CAETANO, Joaquim Inácio - *O Marão e as oficinas de pintura mural nos séculos XV e XVI*, Lisboa: Ed. Aparição, 2001.

_____. "Novas achegas para a compreensão da actividade oficial nos séculos XV e XVI: as pinturas murais das igrejas de Santo André de Telões, Amarante, de Santiago de Bembrive, Vigo e de S. Pedro de Xuenzás, Boborás na Galiza". *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras. I Série, Vol. V-VI (2006/07) 57-68.

_____. *Motivos decorativos de estampilha na pintura a fresco dos séculos XV e XVI no Norte de Portugal: relações entre pintura mural e de cavalete*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011. 2 Vols. Dissertação de doutoramento em História na especialidade Arte, Património e Restauro, no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em URL: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2829>>.

CAMPOS, Correia de - *Imagens de Cristo em Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1965.

CORREIA, Vergílio - *A pintura a fresco em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1921.

CORREIA, Vergílio - "Frescos". *Monumentos: boletim da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Lisboa: DGEMN. N.º 10 (1937) 7.

FIGUEIREDO, José de - *Arte portuguesa primitiva: o pintor Nuno Gonçalves*. Lisboa: [s.n.], 1910. p. 124.

GUSMÃO, Adriano de - "Os primitivos e a Renascença". In BARREIRA, João (dir.) - *Arte portuguesa*. Lisboa: Ed. Excelsior, 1951.

MOURA, Abel de - "Conservação de frescos". *Monumentos: boletim da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Lisboa: DGEMN. N.º 106 (1961) 9.

SANTOS, Reynaldo dos - *O românico em Portugal*. Lisboa: Editorial Sul, 1955.

